



ESTUDO ETNOLINGUÍSTICO DAS PRÁTICAS SUPERSTICIOSAS REFERENTES À MULHER GRÁVIDA NA CULTURA POPULAR DO MARANHÃO

ETHNOLINGUISTIC STUDY OF SUPERSTECTIVE
PRACTICES REGARDING PREGNANT WOMEN IN
POPULAR CULTURE OF MARANHÃO

Heloísa Reis Curvelo Matos
Universidade Federal do Maranhão (helocurvelo@gmail.com)

Resumo: Nossa visão de mundo diante da cultura do outro é avaliativa e carregada de criticidade. Por quê? A resposta ao questionamento buscamos na Etnolinguística, ramo da Linguística que estuda a relação entre língua, cultura e sociedade. Considerando o aporte teórico de Vasconcellos (1938), Vieira Filho (1953), Cosériu (1987) e Lima (1998), objetivamos investigar e analisar as práticas superstições referentes à mulher grávida na cultura popular do Maranhão, em municípios das Mesorregiões Norte e Leste, considerando tanto o conhecimento folclórico quanto o científico. Para tanto, fizemos pesquisa bibliográfica, entrevistas, a ficha do informante, o questionário; aplicação do questionário a 12 informantes perfiladas. Constatamos que há muitas práticas supersticiosas milenares e indiscutíveis.

Palavras chave: Etnolinguística; Cultura Popular maranhense; Práticas supersticiosas; Mulher grávida.

Abstract: *Why is our world view in the face of the Other culture evaluative and charged with criticality? The answer to this question can be found in the Ethnolinguistic field which is a Linguistic branch that studies the relation between language, culture and society. Considering the theoretical contribution of Vasconcellos (1938), Vieira Filho (1953), Cosériu (1987) and Lima (1998), we aim to investigate and analyze superstitious practices regarding pregnant women in the popular culture of Maranhão in municipalities of North and East Mesoregions, considering both the folkloric and scientific knowledge. To this end, the study was based on bibliographic research and the data collected provided by the interviews of 12 profiled informants. As a result, we found that there are many superstitious practices that are millennial and indisputable*

Keywords: *Ethnolinguistics; Maranhense popular culture; superstitious practices; pregnant woman.*

INTRODUÇÃO

Prenhes? Parir? Parturiente? Dizem que nós mulheres nascemos para sermos mães. Isso justificaria, por exemplo, algumas de nossas características físicas e biológicas, como termos útero, menstruarmos e produzirmos leite, dentre outras particularidades marcantes do universo feminino e da deliciosa experiência de se tornar mãe; experiência essa que estimula sentimentos únicos e simplesmente inexplicáveis!

Ao longo de 40 semanas (9 meses) de prenhes tudo se modifica na vida da mulher: o corpo, os hábitos alimentares, os hormônios, a rotina. Tudo muda porque o corpo precisa se adaptar para aceitar e manter a nova vida que ali se aloja e vai se formando, se transformando, amadurecendo até sair dali. Por isso, durante esse processo, surgem muitas lendas, mitos, superstições, tabus que envolvem tanto a mulher grávida¹ quanto a criança que esta *dará à luz*. Por que surgem práticas supersticiosas que passam de geração a geração tornando-se milenares?

Uma provável resposta seria nos reportarmos ao tempo de vida de nossas tataravós, ou melhor, das avós, para não irmos tão longe! No tempo em que nossas bisavós, avos, mães, tias pariram e se tornaram mães, as informações a respeito da gravidez e da puericultura eram transmitidas leigamente, de geração em geração, como verdades absolutas e inquestionáveis; não havia a busca de

¹ Mulher grávida é a expressão que se refere àquela que: está esperando nenê, dará à luz, está prenha, está em estado de graça, está embuchada ou embarrigada, independentemente da quantidade de filhos que esteja gerando. Depois de parir, ou seja, no puerpério, a mulher é adjetivada na literatura médica como puerpera, parturiente ou, popularmente, parida.

teorias científicas para explicar os fatos decorrentes da maternidade na Ciência, mas no conhecimento popular. As justificativas para tudo o que ocorria, e ainda ocorre, permaneciam/permanecem no imaginário feminino popular transformando-se em tradição de família, independentemente do grau de escolaridade ou da idade de quem mantém as crendices latentes, revigoradas na memória e também nas suas práticas.

É conveniente fixar que o fato folclórico pode apresentar-se sob vários aspectos. Há o fato folclórico tradicional, que é o que vive vida secular, passa de geração para geração perpetuado pela tradição oral, isto é, transmite-se de boca em boca, guardado carinhosamente num canto da memória comum, um pouco deformado ou um pouco acrescido, mas persistente e intacto em sua significação inicial, na idéia primeira (VIEIRA FILHO, 1952, p. 75).

O desejo de escrever o presente trabalho germinou quando a pesquisadora estava na sua primeira gestação. Nesse período, conforme os meses iam passando e o corpo se modificando, se alargando para os lados e as curvas se perdendo, ela ouvia muitas verdades sobre a gravidez que a instigavam e fizeram perceber que por traz desse estado temporário e de sublime prazer feminino que deve durar nove meses, há um vasto conhecimento, muitas vezes, inquestionável, que é transmitido de mães para filhas e se tornam tradição germinada/enraizada nas famílias, assim como também há um conhecimento científico que pode explicar boa parcela do conhecimento leigo ou popular.

Diante do que debulhamos, o presente trabalho tem como objetivos: (i) investigar as práticas supersticiosas referentes à mulher grávida na cultura popular do Maranhão, mas especificamente em municípios das Mesorregiões Norte e Leste; (ii) verificar se há motivações etnológicas para as práticas supersticiosas; (iii) fazer a análise das práticas supersticiosas coletadas, à luz da Etnologia, considerando tanto o conhecimento popular/leigo/folclórico quanto o científico/acadêmico/médico; e (iv) analisar se algumas, ou todas, as práticas supersticiosas mudaram ao longo do tempo conforme o perfil geracional das informantes.

1 ETNOGRAFIA E ETNOLOGIA

Nossa visão de mundo diante da cultura do outro às vezes é avaliativa e carregada de criticidade, isto é, medimos as representações culturais de outros povos e pessoas a partir de nosso crivo, de nossa postura e entendimento do que

seja certo ou errado, adequado e inadequado, tendo como parâmetros onde vivemos e no tempo cronológico em que estamos vivendo. Nesse caso, nossa visão de mundo sobre a estrutura social dos outros fica sendo nosso padrão, nosso termômetro, nossa visão analítica e comparativa de outras culturas, hábitos, costumes e crenças são pautadas na nossa opinião. Mas por que isso acontece? A resposta a esse questionamento pode ser buscada na Etnologia, ciência que estuda a relação existente entre (determinada) língua, cultura e sociedade.

Etnologicamente, a palavra grega etnologia é composta por três elementos, segundo Vasconcellos (1938, p. 3): *éthnos* (povo, tribo) + *lógos* (palavra, dissertação) + *-ia* (tradicional, característico, espontâneo, estável). Dessa forma, pontua o estudioso que a Etnologia se ocupa do estudo dos elementos da cultura tradicional dos povos. Sejam eles ditos como selvagens, antigos ou modernos, todos alimentam um saber que os caracteriza e individualiza. Acrescenta ainda, mais especificamente, que a Etnologia é um estudo científico dos povos,

considerados como unidades ou agrupamentos, por assim dizer, naturais, cuja base está ou na comunidade de origem, ou na dos costumes, ou na da língua, ou na da posição geográfica: defini-os, caracteriza-os, e nos povos civilizados atende em especial àqueles elementos que, por provirem de épocas afastadas, e terem, de geração em geração, chegado mais ou menos intactos até certo momento (VASCONCELLOS, 1938, p. 4-5).

A partir dessa definição do linguista se pode perceber que um estudo etnológico dos elementos culturas dos povos, e o entendimento destes, é atrelado às suas comunidades originais, aos seus costumes, à sua língua e à sua localização espacial/geográfica; por isso é que o conhecimento leigo, as superstições, fruto de tradições locais, não podem ser medidos e avaliados tendo como parâmetro o tempo em que estão sendo estudados (a atualidade) e tampouco definidos ou caracterizados segundo ideologias preconceituosas, já que, muitas vezes, não refletirão a cultura reinante, sendo entendidos a partir de abordagens que focalizem sua evolução no tempo, abordagens diacrônicas.

Vasconcellos (1938, p. 5-7) acrescenta, além da etimologia e da definição, a divisão da Etnologia em Etnogenia ou estudo da origem dos povos. À Etnologia, o estudioso atribui o caráter interdisciplinar à Antropologia e à História por causa dos objetos de estudos das três, que, em certa medida, é o mesmo. Já a Etnografia é o estudo descritivo, expositivo da Etnologia. Para

explicar como é feito esse estudo explicativo dos fatos e objetos, o autor elenca os seguintes assuntos investigativos da cultura portuguesa: grupos étnicos ou étnicos-geográficos antigos ou modernos, mobília, trajes, enfeites, comidas, utensílios (de caça, pesca, lavoura) e o *folklore* (*sic*) ou tradições populares.

Para Vasconcellos (1938), a palavra de origem inglesa *folklore* (*folk* = povo + *lore* = saber, conhecimentos) se refere às superstições mitológicas, religiosas e de magia, além de se referir à literatura (contos, poesia, lendas, adágios, teatro) e às folganças como festas, danças e músicas. Comungando da ideia, Vieira Filho (1952, p. 73) explica que, quando o inglês William John Thoms cunhou o termo, em 22/08/1646, “Folk-lore, queria expressar o saber do povo, isto é, aquele conjunto de traços espirituais pertencentes à cultura popular”.

A respeito das superstições, Cascudo (2000, p. 648) explica que elas fazem parte de nossa essência, por isso estão presentes em qualquer momento de nossas vidas. Percebemos, então, que as práticas supersticiosas estão arraigadas às nossas vidas, independentemente de nossa escolaridade ou crenças. Nesse caso, de onde elas se originam? Para Cascudo (2000, p. 648), as superstições originam-se “essencialmente do vestígio de cultos desaparecidos ou da deturpação ou acomodação psicológica de elementos religiosos contemporâneos, condicionados à mentalidade popular”.

Como os objetos de estudo da Etnolinguística é muito vasto, sua amplitude atinge todas as áreas de conhecimento humano, indo das ciências humanas à tecnológicas, lógicas e médias. Cascudo (2000, p. 240), ao definir o que é folclore, por exemplo, além de explicar que o folclore “não apenas conserva, depende e mantém os padrões do entendimento e da ação, mas remodela, refaz ou abandona elementos que se esvaziaram de motivos e finalidades”. Acrescenta ainda, a despeito desse caráter de ressignificação do fato folclórico, que, nenhuma “disciplina de investigação humana imobilizou-se nos limites impostos, quando do seu nascimento. Qualquer objeto que projete interesse humano, além de sua finalidade imediata, material e lógica, é folclore”.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização desta pesquisa de caráter etnológico foram necessários os seguintes procedimentos metodológicos: (i) a pesquisa bibliográfica, em obras de referência, para o levantamento de informações sobre as superstições referentes à mulher grávida; (ii) a seleção das superstições; (iii) a elaboração da ficha do informante e do questionário para verificar entre as maranhenses o conhecimento ou desconhecimento das práticas supersticiosas, sua variação e significado, dependendo da microrregião ou do perfil das informantes; (iv) a aplicação do questionário a 12 informantes, elencadas conforme a faixa etária, a condição da mulher (grávida/mãe), a escolaridade, a ocupação profissional e, (v) a localidade.

O questionário etnológico foi tecido a partir da pesquisa bibliográfica e contém nove questões. As perguntas foram elaboradas conforme os tabus e superstições referentes à mulher grávida e ao nascimento de uma criança, presentes na obra *O mundo das Superstições*, de Vieira Filho (1952), DVF, e da obra *Pecados da gula: comer e beber das gentes do Maranhão*, de Lima (1998), ZMCL. O critério que adotamos para a escolha das superstições foi o fato de elas pertencerem aos campos semânticos elencados por nós, de serem muito recorrentes no Maranhão e muito frequentes em nossa vivência durante nossas duas gestações. Vale ressaltar que esses dois pesquisadores não apresentam um estudo etnológico sobre as práticas supersticiosas, mas, cada um, a seu turno, lista a existência delas na cultura popular do Maranhão na década de 1950 e também na de 1990.

As variáveis elencadas para a escolha das informantes foram: idade, dividida em duas faixas etárias: FE1 (15 a 30 anos), que corresponde às informantes IF1, IF5, IF9 e FE2 (+ de 30 anos), englobando as informantes IF2, IF3, IF4, IF6, IF7, IF8, IF12; condição da mulher: grávida pela primeira vez (PG), informantes IF1, IF5, IF9 e já mães (MA), informantes IF3, IF4, IF6, IF7; escolaridade: escolarizadas, informantes IF1, IF2, IF3, IF4, IF5, IF6, IF8, IF9, IF10, IF11, IF12 ou não, informante IF7; localidade: pessoas nascidas e que vivem no Estado, mesmo que estas já não residam na localidade de origem.

Aplicamos o questionário também aos profissionais da saúde: enfermeiros, auxiliares de enfermagem e médicos (PS), informantes IF2, IF8 e IF12 já que muitos destes atuam junto às mulheres grávidas ou parturientes e,

dessa forma, podem saber muito dos tabus e superstições relacionadas às mulheres grávidas, uma vez que as acompanham durante toda a gravidez, no pré-natal, em exames pré e após parto ou mesmo no planejamento familiar nos postos de saúde comunitários. Nesse perfil específico, somente a IF12 já trabalhou no Programa de Saúde da Família – PSF, chamado de Estratégia Saúde da Família, no município de Urbano Santos.

Os informantes inquiridos são nascidos ou moram nas seguintes Mesorregiões: Norte e Leste Maranhense. Os municípios do Norte Maranhense encontram-se agrupados nas Microrregiões I: Aglomerado Urbano de São Luís, São Luís (IF1, IF5, IF12), São José de Ribamar IF2, IF8 e Paço do Lumiar (IF3); Microrregião II: Baixada Maranhense, São Bento (IF4, IF10) e Cururupu (IF6); Microrregião III: Itapecuru-Mirim, Itapecuru-Mirim (IF9); Microrregião IV: Lençóis Maranhenses, Tutóia (IF11). Já no Leste Maranhense temos a Microrregião IV: Chapadinha e Belágua (IF7). Para a análise dos dados consideramos o referencial teórico, a comparação entre os dados dos informantes, as variantes das respostas dadas e, conseqüentemente, a explicação popular e/ou a científica para cada uma das superstições arroladas no questionário, tabuizadas nas falas das informantes. Dessa forma, fica mais evidente, tanto a explicação que sobrevive no imaginário popular/leigo quanto a explicação pautada no saber científico.

3 ESTUDO ETNOLÓGICO DAS PRÁTICAS SUPERSTICIOSAS REFERENTES À MULHER GRÁVIDA NA CULTURA POPULAR DO MARANHÃO

Para cumprimos todos os objetivos propostos na pesquisa que ora apresentamos, segue abaixo a análise etnológica somente de nove perguntas do questionário etnológico, referente ao campo semântico da mulher grávida.

3.1 **Por que os colhedores de mel, quando abrem os cortiços, não deixam que se aproximem mulheres grávidas?**

No que se refere à superstição, elencada por ZMCL, referente à produção de mel, somente duas informantes, uma de São Bento e outra de Belágua, a conheciam. Inclusive, ambas, cada uma a seu turno, oferecem uma explicação categórica para o fato. A IF4, por exemplo, afirma que é “Porque os olhos das mulheres secam o mel do cortiço”. Já a IF7

enfoca não o malefício à produção do mel, mas à criança que nascerá: “Na hora que abre o cortiço faz mal pra criança. É um veneno”.

O que podemos observar, além da presença da lexia cortiço² na fala das duas informantes é o caráter maléfico tanto da mulher grávida em relação ao cortiço, quanto do cortiço em relação à criança que a mulher grávida espera; por isso, não lhes é permitida a aproximação na hora da colheita; por isso esse caráter de proibição e cuidado esmerilhado. Provavelmente, a explicação da IF7 tenha uma relação com a ferroada das abelhas, que, por causa da substância química chamada *melitina* que a abelha injeta, pode se constituir em veneno para a mãe, e, conseqüentemente, para a criança que espera.

3.2 Mulher grávida que come ovo de duas gemas, fruta de dois caroços ou banana conha, terá gêmeo?

Até hoje, leigamente, as pessoas tentam encontrar uma justificativa pertinente para a gestação gemelar e/ou gravidez múltipla. O imaginário popular, e aqui ficamos somente com o feminino, é muito fértil para esclarecer porque isso se sucede. Praticamente todas as informantes inquiridas têm sempre explicações e exemplo que fundamentam a gestação tanto de duas crianças (gravidez gemelar) quanto de mais crianças geradas de uma só vez (gravidez múltipla).

Depois de fazer uma andança por cada fala das informantes, pude perceber que algumas explicações são imperativas, pois a grávida, por não poder comer a outra banda do alimento, tem que dá-lo a outra pessoa por dois motivos: ou terá gêmeos ou a criança nasce com doenças congênicas³ (dedos com membranas unindo-os, por exemplo). A grávida pode sim comer a outra banda do alimento se desejar ter gêmeos ou crianças com doenças congênicas, como é o caso da IF4, que relata: “se comer a fruta conha, o filho nasce conho, se a fruta for três vezes conha, como a banana, o filho nasce com os dedinhos grudados...”

Percebemos ainda que, cientificamente falando, não é comum, nos humanos, encontrarmos seres biológicos duplamente formados de uma só prenhez. Pitomba de dois caroços, ovos de duas gemas, bananas juntas em uma

² Cortiços são peças feitas de cortiça ou de qualquer outra casca de árvore e servem para alojar colônias de abelhas ou colmeias.

³ Congênito/a: diz respeito àquilo que foi adquirido durante a vida fetal ou embrionária; nascido com o indivíduo.

só casca, pequi com mais de quatro caroços. Se isso acontece com as frutas, então, por tabela ...“Faz mal, dá incentivo de⁴ a mãe ter gêmeos” (IF7). Mas há o outro lado da moeda, pois há quem acredite que não faz mal, “Isso não existe, se vier já tá gerado. A tia dela [se referindo à sua sobrinha] tava grávida de três meninas, uma morreu e as duas viveram e ela não comeu nada disso!” (IF6).

Logo, todas as informantes são categóricas em afirmar que sim, qualquer alimento conho⁵ ou “Coisa dupla o risco é maior de ter gêmeos. “Umas comem, outras não, ovo, por exemplo. É uma coisa que passa de mãe para mãe, de avó para avó” (IF9).

Quando eu engravidei, tive vontade de comer pitomba e ela tinha dois caroços, aí, minha mãe disse que eu tinha que dar o outro caroço para outra pessoa, se eu não desse nascia gêmeo (...). Também não pode comer as duas bandas porque nascem dois bebês grudadinhos⁶.

É interessante observar que a maior parte dos alimentos ingeridos e que seriam passíveis de a mulher ter gêmeos são frutas (pitomba, pequi, banana), “Pitomba não pode comer as duas bandas. Eu tive vontade de comer pitomba, comi muito” (IF5); “Lá em Tutóia um homem comeu pequi, a primeira barrigada da mulher⁷ dele foi de gêmeos”. (IF11). E quem tem barrigada, é a mulher prenha ou isso é mais comum em outros animais? Outro alimento com o mesmo poder das frutas é o ovo, neste caso, de galinha, o que não causa espanto, mas, no que tange à ova de peixe... a hipérbole é bem maior, pois, “Se comer ova de peixe terá gêmeos porque peixe tem muitos filhos” (IF2). Diferentemente das justificativas dadas por cada informante para o nascimento de gêmeos, Beiguelman (2008, p. 28) explica que existem fatores biológicos que influenciam diretamente na gravidez gemelar já que esta depende “da ocorrência de poliovulação, a qual, por sua vez, depende do nível de hormônio folículo-estimulante” (FSH).

⁴ Dá incentivo é uma expressão que se refere à possibilidade de que algo aconteça.

⁵ Conho/a se refere a alimentos que aparecem duplicados ou divididos em duas ou mais partes, mas que originalmente teriam/têm só uma parte das que figuram: ovo com duas gemas, banana com dois/três gomos, pitomba com dois caroços, pequi com mais de 4 caroços.

⁶ Bebês grudadinhos é uma expressão que se refere aos xifópagos, siameses ou conjugados, isto é, às crianças que nascem ligadas a si por partes de seus corpos.

⁷ Barrigada da mulher diz respeito à gravidez de mais de um filho, geralmente, de gêmeos.

3.3 Ovo que mulher grávida bate cresce/incha mais?

No que se refere à prática supersticiosa acima, pude perceber três fatos interessantes: poucas mulheres a conhecerem e explicam; em geral, as de mais idade afirmam que é “Por causa da barriga grande” (IF3) ou que isso “Depende do filho que ela tá esperando” (IF10) ou mesmo “Por causa da mudança de hormônio da mulher (IF7)”. Há aquelas que conhecem uma variação dessa crendice, ou seja, sabem que é o cabelo que cresce e, mais rápido inclusive: “Eu sei é cabelo” (IF11), “Eu sei é cabelo, cabelo que mulher grávida corta cresce mais rápido” (IF12); “Cortar cabelo também” (IF3). E o grupo das que sabem da superstição, mas não dão credibilidade a ela: “Nem grávida nem sem ta grávida, não é todo mundo que bate ovo pra inchar!” (IF4) ou que é “Só besteira, só mentira de quem não tem o que falar” (IF6).

3.4 Mulher grávida não deve olhar macacos ou pessoas que tenham imperfeições?

Durante os nove meses de gestação, nós mulheres temos que nos desdobrarmos em cuidados para podermos manter nossa saúde e a saúde da cria que está sendo gerada em nosso ventre. O primeiro trimestre da gravidez é o mais crítico porque, a qualquer momento, por susto ou qualquer eventualidade, a mulher pode abortar ou mesmo apresentar um feto com má formação decorrente de doenças oportunistas, da genética do casal ou das deficiências nutricionais; por isso, ela deve evitar sustos, quedas, estresse, adotar uma vida saudável que priorize boa noite de sono, alimentação balanceada, ingestão de vitaminas e nutrientes, hidratação, repouso, exames periódicos com seus médicos, atualização das vacinas para imunizá-la de possíveis doenças como rubéola e hepatite B.

Muitas das práticas supersticiosas referentes à mulher grávida e à vida infantil no imaginário popular maranhense dizem respeito diretamente a esses cuidados, mais especificamente às doenças congênitas e à aparência fisionômica da criança. Das 12 informantes inquiridas, somente duas não teceram comentários sobre a superstição pesquisada por DVF; dentre as demais, só uma não acredita que ver alguma coisa desagradável é prejudicial, pois “Acho que não é verdade” (IF9). Na fala das outras informantes, percebemos credices

referentes às interferências da *miragem* na fisionomia e também como causas explicativas de doenças ou deformidades genéticas.

No que diz respeito ao conjunto de características da feição, do semblante ou da aparência de qualquer parte do corpo, três informantes são enfáticas em afirmar que, se se admirar de algo, é certo, a criança nascerá igual(zinha) ou parecida à coisa olhada: “Porque o filho nasce igual a macaco. Se se admirar de uma coisa, o filho sai igualzinho, só se ainda tiver em formação. Até o que passa na televisão dá isso” (IF4). “Nasce parecido. Onde eu moro nasceu uma criança parecida com o Baby, porque a mãe assistia muito o programa” (IF8).

Percebe-se, dessa explicação da IF8, uma clara influência de programas televisivos na justificativa para que uma criança nasça com deformidades, evidenciando que “o domínio da máquina, a cidade industrial ou tumultuosa em sua grandeza assombrosa são tantos viveiros de superstições, antigas, renovadas e readaptadas às necessidades modernas e técnicas” (CASCUDO, 2000, p. 648).

Aqui é bem evidente tanto a influência do aspecto físico de algum animal, como o macaco, quanto o de programas de TV, neste caso, programas com características infantis (Família Dinossauros) e também filmes de terror que com caráter de proibição, já que são passíveis de causar deformidades ou doenças: “Minha avó me disse que não pode assistir filme de terror, porque fica lembrando; se ficar lembrando nasce igual, parecido, assim ela disse, por isso parei de assistir. Minha vizinha olhou tanto uma boneca que o filho saiu com os olhos parecidos com os da boneca, azul” (IF5). Além desses dois aspectos já abordados, encontrei a associação de deformidades ou doenças a elementos da cultura do carnaval (máscaras de fofão, por exemplo):

Meu avô me disse para eu não olhar para máscara de fofão no carnaval porque se não o nenê ia nascer parecido com o formato da máscara, isso só acontece no *período de formação do nenê*. Com o macaco é a mesma coisa, nasce parecido (IF1)

a objetos como a tesoura: “Se colocar tesoura na barriga ou chave no bolso o filho nasce com deformidades” (IF2); à aparência física/partes do corpo (rosto, orelha, mão): “Ela tem medo, ela não pode antipatizar ninguém, pois o filho nasce com a mesma cara. V. antipatizou o vizinho que não tinha mão e o filho dela

nasceu daquele jeito, sem uma das mãos"! (IF12). "A criança nasce parecida, a criança nasce com defeito⁸. A minha marinha olhou minha orelha" (IF11).

Todas essas explicações dadas pelas mães se constituem em tentativas para justificar a aparência ou as doenças das crianças que não nascem como esperadas, lindas e saudáveis como imaginadas. São tão esperadas, tão desejadas, que, quando não nascem como imaginadas, a justificativa real e leiga do animal visto, do filme/programa assistido, da admiração de alguma coisa... conforta mais, pois "A mãe não pode olhar esses tipos de coisa, que fica gravado na mente dela e dá incentivo a imperfeições" (IF7).

3.5 Existe alguma coisa que mulher grávida não deve colocar nos seios?

Pintas, sinais ou marcas de nascença comumente são intrigantes, principalmente por dois motivos: as pessoas tentam descobrir/fazer uma relação com o que parecem e porque aparecem. As explicações para sua manifestação são as mais diversas, a maior parte delas diz respeito a objetos que a mulher grávida pode ter colocado nos bolsos de roupas que usou, como blusa, vestido, saia, no cós da saia ou mesmo deixado cair em qualquer parte se seu corpo algum objeto que favoreça o aparecimento do sinal⁹: "Se a mulher colocar chave no bolso a criança nasce com o céu da boca partido..., minha avó disse que se colocar dinheiro, nasce com o formato da moeda em qualquer parte do corpo". (IF1).

Outra doença muito recorrente e para a qual há uma tentativa persistente de encontrar uma explicação lógica é a fenda congênita, conhecida como lábio leporino ou popularmente apelidada de beijo rachado¹⁰ ou beijo de chave, por causa da semelhança com o formato do objeto. "Não pode colocar chave porque nasce com o beijo ou o nariz rachado, ou mesmo a orelha grudada. Isso acontece

⁸ Nascer com defeito é expressão que os informantes utilizam para se referirem a alguma característica não esperada ou imaginada que a criança apresenta ao nascer (nascer com a boca aberta, ficar com a boca aberta por um tempo).

⁹ Sinais são pintas ou marcas de diversos formatos e cores que podem ser formados durante a gravidez ou aparecer ao longo da vida. No primeiro caso temos os sinais de nascença ou congênitos; já aqueles que aparecem depois que nascemos, na fase infantil ou adulta, são classificados como sinais adquiridos.

¹⁰ Beijo partido, beijo rachado, lábio rachado, nariz rachado, beijo de chave, boca de chave são denominações populares para a deformidade craniofacial conhecida como fenda congênita de um dos lábios, especialmente o superior ou lábio leporino, que pode ser total ou parcial, pré-transforame (até o forame) ou pós transforame, que apresenta mais complicações clínicas porque pega mais estruturas fisiológicas.

também com tesoura. Se a mulher colocar moeda, folha, pedra, casca... vai nascer com a marca daquilo que colocou no bolso” (IF8). Dessa mesma crença compartilha a IF4: “Dinheiro em folha ou moeda, sai a marca, a folha de fumo e flor também. Se colocar chave o beijo sai rachado, igual ao da chave. Tudo o que a mulher coloca no bolso da blusa/vestido ou no cós da saia, sai a marca na criança”.

Chave, moeda, fósforo, tesoura, pedra, casca, folha de fumo, dinheiro em folha (cédula), flor, sementes, caroços... são elementos presentes no dia a dia das mulheres, (grávidas ou não), por isso não deveriam ser objetos de proibições, mas em se tratando de grávidas, todo cuidado é pouco; por isso, “Não pode colocar chave, moeda, porque marca a criança, ela nasce com a marca no corpo (IF5)”. Dessa objeção feita pela IF5, decoremos outras que ressaltam o material do qual os objetos são feitos e, por isso, são passíveis de fazer mal. Nesse caso, temos: (i) o aço da tesoura: “Só tesoura porque atinge a criança, o material da tesoura faz mal pra criança, o aço” (IF7); (ii) a radiação do raio X: Não pode por causa da radiação, por isso não pode fazer raio x” (IF12); (iii) o metal ou alumínio presentes em chaves ou tesouras: “Sim qualquer material químico como metal e alumínio ou coisa de aço e ferro, chave! (IF7). E também, “Nasce com a boca de chave. Lila [filha de IF11] nasceu com a marca de ingá de metro porque eu guardei no bolso o caroço” (IF10).

3.6 Por que desejo de mulher grávida deve ser atendido?

O que há de tão especial no desejo¹¹ de mulher grávida que motiva até definição em dicionário? Durante a gravidez além da mudança hormonal que mexe com todo o corpo da mulher, há também a mudança afetiva. Tudo fica mais, mais evidente, mais acentuado na vida da prenha, o que desperta mais ainda suas vontades, aspirações e desejos. Desejo é uma coisa, desejo de grávida é outra coisa, popular e cientificamente falando.

Segundo Houaiss (2009), além de outras acepções, desejo se refere à *ânsia de satisfazer certos apetites durante a gravidez*; nesse caso, o desejo, na maioria das

¹¹ Desejo de mulher grávida diz respeito à carência nutricional que se manifesta através de uma vontade incontrolável de possuir algo para saciar seu apetite gastronômico. Há dois tipos de desejo, o da criança e o da mãe; no primeiro, a mulher grávida come a coisa desejada e vomita, já o desejo da mãe, se ela desejar e não comer, a criança pode morrer ainda no útero, fazendo com que a mulher perca a criança ou esta pode *nascer com defeito*.

vezes, se refere a alimentos que a parturiente quer porque quer comer e tem que ser atendida prontamente nessa vontade, pois “Dizem que é porque se não comer o que desejou, nasce com a cara do desejo. Eu tive desejo de comer milho e ata. Se não comer, dá terçol¹² em quem nega a coisa desejada” (IF5).

Acrescenta ainda o Houaiss (2009) que desejo de grávida é o mesmo que pica¹³, isto é, além da acepção que se refere à ânsia de satisfazer o apetite gastronômico, o desejo de mulher grávida se refere a um distúrbio do apetite que pode ocorrer em qualquer situação, como por exemplo, a gravidez. Mas desejo alimentar não é mania de grávida, como muitos pensam, não.

Que o desejo tem que ser satisfeito, isso é certo, mas e se não o for? Uma primeira resposta para esse questionamento é a consequência para o sovina, que será penalizado com *terçol*, mas o efeito negativo maior, recairá mesmo na criança, que pode nascer igual ao alimento ansiado, o que pode influenciar negativamente na sua fisionomia já que terá a cara do desejo não consumado. “Sim, caso contrário, a criança nasce com a cara do desejo” (IF2). “Se não for atendido, nasce com a cara igual àquilo do que desejou comer. Eu desejei comer manga tanto de Gabriela quanto de Rebeca” (IF12).

A criança pode ser penalizada no que tange à fisionomia, porque pode nascer também com a boca aberta¹⁴, com *defeito* e, em casos extremos, até perder a vida: “Se não a criança nasce com a boca aberta, assim dizem” (IF6). “Porque se não a criança nasce com a boca aberta. Antônia [filha de IF11] passou seis meses com a boca aberta porque desejei o peixe que meu marido comeu” (IF11). “Se não for atendido a criança nasce com a boca aberta ou morta” (IF8). “Pra criança não nascer de boca aberta ou morrer. Hariel [neto de IF11] nasceu de boca aberta” (IF10). “Porque o bebê pode nascer com defeito se ela não comer” (IF9).

¹² Terçol se refere à denominação popular de uma inflamação oftalmológica infectocontagiosa que se manifesta com um abcesso de pus em um dos olhos ou nos dois, além de vermelhidão e coceira que muito incomodam pois afetam a visibilidade.

¹³ Pica se refere à alteração do apetite que se manifesta em algumas situações, principalmente durante a gravidez, momento em que as prenhas sentem uma vontade incontrollável por comer coisas ou alimentos que não comem habitualmente.

¹⁴ Nascer de boca aberta e ficar com a boca aberta são expressões que se referem à postura fisionômica do recém-nascidos cujas mães não satisfizeram seus desejos de grávidas; essa situação pode ser momentânea ou durar algum período.

E se não morrer, o que fazer para reverter a situação? A IF3 nos fornece a solução para esse incômodo do desejo não atendido, para esse *defeito* aceitável: “Porque se não a criança fica ou nasce com a boca aberta. Quando ela nascer, compra o objeto de desejo e passa na boca dela” (IF3). Isso em relação ao desejo da mãe, e no que se refere ao desejo do bebê ainda no ventre? Sim, pode haver diferenças pois

“Tem dois tipo de desejo: o da mãe e o da criança. O da criança, ela come a coisa e vomita. Eu tive desejo de comer tomate, saia água da minha boca, ai comprei, cozinhei e vomitei tudinho, passei um bom tempo sem comer tomate. O da mãe, se ela desejar e não comer, a criança morre, a mulher perde o filho ou nasce com defeito. O filho a minha prima, nasceu assim, com a boca aberta” (IF4).

Ou mesmo não haver distinção entre os tipos de desejo, entre desejo e vontade, ou mesmo não existir esse querer incontrolável que é o desejo de grávida, já que há quem não acredite, diga não acreditar, em nenhuma desses intentos, pois “Será, mesmo, que existe alguém que não acredite em malacia¹⁵?”

Mas desejo de mulher grávida, vontade de mulher grávida não é manha, mania ou carência afetiva de mulher grávida, não, pois há uma influência muito grande da alimentação correta da gestante na formação fetal e na saúde do bebê ainda no ventre. Uma vez que tudo que ela come ou como come, nutre a criança também; logo, se a gestante tiver carência nutricional, a criança também terá, e isso pode, sim, afetar na formação e no desenvolvimento do bebê de diversas maneiras. Essa carência alimentar, que não é privilégio e sim doença, presente tanto nas prenhas quanto em qualquer pessoa que necessite de determinado nutriente decorre de o nosso organismo não reconhecer em seu conjunto de informações aquela da qual precisa; dessa forma relaciona o alimento ao nutriente presente nele e desperta nas pessoas a vontade de consumi-lo; assim, “o corpo aprende a pedir leite quando quer cálcio e ovos quando quer zinco, por exemplo. Nas grávidas, esse sentido está ligado no turbo” (CALDERARI, 2011, online).

Segundo a literatura médica, as mulheres sentem desejos por certos alimentos, durante a gravidez, necessariamente por três fatores que atuam juntos

¹⁵ Malacia ou malácia se refere à doença que se manifesta como a alteração do apetite que leva a pessoa a querer comer ou a comer coisas/alimentos estranhos, extravagantes, ácidos, que não come habitualmente, isso ocorre por causa de alguma carência nutricional.

na chamada malácia(o), malacia(o). O primeiro desses fatores é o emocional ou comportamental, que diz respeito mais especificamente às mudanças do corpo e ao desconhecido mundo dos papéis que a mulher já desempenha como mãe e o desempenhará por toda vida: “muitas gestantes têm regressão psicológica, ficam infantilizadas, e isso também muda hábitos alimentares, dando a vontade de comer certas coisas”, afirma o obstetra Abner Lobão Neto, da Universidade Federal de São Paulo (PAIVA, 2000, online).

O segundo fator malicio é o hormonal, que se refere à gonadotrofina coriônica humana – HCG e o progesterona, responsáveis, entre outras coisas, pela regulamentação das funções da gravidez, pela alteração na composição da saliva, mudando o sabor dos alimentos: “isso serviria de explicação para que comidas favoritas passem a ser rejeitadas, e vice-versa, além de favorecer combinações que paladares não grávidos acham ousados” (CALDERARI, 2011, online), por isso, alguns desejos serem nomeados como lírios gastronômicos.

3.7 Sentar em cima de abano faz a placenta crescer demais?

Instrumento manual e caseiro muito usado em algumas comunidades rurais do Estado, o abano, comumente feito de palha da palmeira do babaçu, é utilizado para ventear o fogo ou refrescar uma pessoa. Se for usado para o primeiro intuito, fará o fogo crescer/permanecer aceso. Metonimicamente, a IF4 explica que, o “Abano tem o poder de fazer crescer; se for mandar matar jaboti, é só botar ele revirado e bater com abano, que o fígado dele fica grande”. Assim, como se abana o fogo para fazê-lo crescer, se pode usar o abano para fazer crescer outras matérias, como o fígado do jaboti e mesmo a placenta, pois esta “Cresce e fica grudada” (IF3). Informação compartilhada também pela (IF7), que é categórica em afirmar que “A placenta gruda, cresce grudada”. Mas grudada onde? Na parede do útero?

Mesmo que entre algumas das seis informantes haja três que conhecem essa superstição do abano, há outras que não a conhecem, mas nos oferecem explicações para o fato de haver problemas no parto com a placenta, isto é, apresentam variações para a superstição. A (IF10) deixa evidente que não conhece o mito do abano, mas o da soleira da porta¹⁶, que faz mal: “Eu sei é que

¹⁶ Soleira da porta se refere, numa porta de entrada, corresponde à laje, pedra ou madeira que fica debaixo do portal, rasante ao piso, no solo, por isso, soleira.

não pode sentar na soleira da porta”. Já a (IF1) associa o retardo do parto ao hábito de sentar perto de porta e não na soleira:

Esse eu não sei, sei o da porta. Uma amiga minha disse que ficava muito perto da porta, ai quando ela foi ter nenê, já tava com 9 meses e 10 dias, não sentia dor, no hospital a enfermeira disse pra ela que foi porque ela ficava muito perto de porta. O parto é mais demorado, a mulher não sente dor, por causa disso é que eu não sento perto da porta

Mesmo que bem distanciadas das explicações dadas pelas cinco informantes acima, há outras que oferecem justificativas muito interessantes/instigantes para comportamentos ou posturas que podem prejudicar a mulher grávida na hora do parto. A (IF6), por exemplo, esclarece que “Dizem que faz mal é comer no caminho, eu comia, mas meus filhos nunca tiveram isso”.

3.8 Mulher grávida não deve passar, de jeito nenhum, por cima de cabresto?

De que são feitos os cabrestos? O que é o cordão umbilical? Qual é o tamanho do cordão umbilical? Como é formado o cordão umbilical? Como o bebê se nutre antes da formação do cordão umbilical? Como o cordão umbilical funciona? Por questões óbvias de similaridades, tanto o cordão umbilical quanto os cabrestos são cordas que servem para ligar, amarrar, manter seguro, ou o animal (cabresto) ou a criança no útero da mãe (cordão umbilical). Nosso objetivo aqui não é descrever a fisiologia de um (cabresto) e de outro (cordão), mas pontuar que, assim como as cordas do cabresto, as cordas que formam o cordão são responsáveis por uma vida.

Cirlot (1984, p. 181) vai ressaltar esse caráter social e simbólico do uso da corda e do cordão na cultura egípcia e hindu e, por que não dizer, na nossa também, quando afirma que tanto o cordão quanto a corda têm função de ligadura, o estudioso explica ainda que a corda é “Símbolo geral de ligação e conexão, como a cadeia. A corda com nó, no sistema hieroglífico egípcio, significa nome. Vários signos em forma de nó, laço, cinturão, coroa etc.”

Para entendermos as verdades em torno dessa superstição maranhense, é necessário que percebamos, antes, a relação íntima e estreita que existe entre o cabresto e o cordão, neste caso, o umbilical, ambos feitos de cordas com grossuras e comprimentos variáveis. Assim como outros elementos (chave, abano, batente

de porta), o cabresto e as cordas estão mormente presentes no cotidiano das mulheres (particularmente as da zona rural) porque são usados para os mais diversos fins: amarrar animais, *armar* redes, cofos, pendurar objetos, secar roupas.

O cabresto é um adorno feito de cordas que serve para prender um animal (cavalo, jumento, boi, vaca) ou controlar sua marcha. Isso só é possível por causa da perfeita junção entre as cordas que o compõem. Quando uma pessoa afirma que uma grávida não pode passar por cima de cabresto, ela está fazendo a associação entre a função do cabresto e de suas cordas com a função do cordão umbilical, que também é uma corda com inúmeras funções, dentre elas prender o feto à sua mãe, no útero, para que, por meio dessa corda de umbigo, o feto se alimente e tenha também outros vínculos com sua genitora. Poderíamos dizer, sem exagero de comparações que também é uma espécie de controle da marcha da vida de um outro ser: a criança que está sendo gerada, por isso a proibição tem que ser respeitada, caso contrário, “ (...) dá nó no umbigo da criança e dá doença de útero na mulher. Também não pode passar onde o animal se espoja [se deita]. Escama de peixe também” (IF3). “Pra evitar que o cordão umbilical enrole no pescoço da criança, é capaz de enforcar com o próprio cordão” (IF7). E, pode ser que “A criança nasce com o cordão preso no pescoço” (IF11).

Para evitar que algo de mal aconteça à criança que está sendo mantida no útero, é bom não arriscar em perder essa vida, por isso é terminantemente proibido que a mulher grávida passe por cima do cabresto; se uma corda de cabresto é suficiente para derrubar um animal, imagine o conjunto delas! Se pode machucar um animal ou prendê-lo para a morte, as cordas grossas podem fazer o mesmo com uma criança que se enrolar com ela no útero, até que o cordão dê um nó no seu pescoço e haja uma fatalidade; por isso, a (IF2) afirma que “A Corda de cavalo, não pode” Conhecimento partilhado também pela (IF6), que confirma o mesmo saber popular: “Faz mal é corda de cavalo”.

3.9 Se o bebê chorar no ventre materno vai ser adivinho?

Criança adivinha¹⁷, menino adivinhão, homem santista, vidente. É muita a expectativa que a mulher grávida tem de conhecer, pelo menos o rostinho do ser

¹⁷ Criança adivinha, menino adivinhão, homem santista, vidente são denominações que se referem a aquele que chora ainda dentro da barriga da mãe, se isso ocorrer, a genitora não

que carrega dentro de si nove meses. À medida que passa o tempo, essa ansiedade aumenta mais e mais; até mesmo porque os vínculos se tornam mais evidentes e intensos, já que nos dois últimos trimestres a interação entre mãe e feto é bem maior porque este já reage aos contatos externos ou estímulos táteis: chuta, mexe, se estica, empurra as paredes uterinas, muda de posição. Todos esses movimentos podem levar as pessoas a acreditarem, a fantasiarem que, além de se movimentar, ouvir, se alimentar, a criança também fala dentro da mãe: “Eu já vi, chora dentro dela, mas não é adivinho (IF6).”

E se a criança falar, o que é suscetível de acontecer? Vai ser um menino adivinhão. Um homem santista, vidente, o que vier na cabeça dele, ele disser, vai acontecer, profetizar, acertar. “Só que a mãe não pode falar pra ninguém. A criança fica lerda. Se a enfermeira ouvir, ela também não pode dizer pra ninguém, só as duas sabem, a mãe e a enfermeira” (IF7). O que não posso deixar de evidenciar é que há um pacto de cumplicidade para que se cumpra o encanto; caso esse seja descoberto, a criança com faculdades divinatórias padecerá grandes males/enfermidades, pois quem crê nessa superstição, sabe que, terminantemente, (...) “não pode dizer nada a ninguém” (IF3), uma vez que pode desfazer a magia ou quebrar o encantamento: “Nasce sim, mas se contar pra alguém que ele chorou, quebra o encanto. Meu sobrinho sabia quando o pai ia chegar, encostava a cabeça no chão e dizia pra mãe dele botar a panela no fogo” (IF4).

Caso esse encantamento não seja afetado por conta do pacto de silêncio dos atores dessa estória, a criança então cumprirá seu destino de haríolo, melhor dizendo, será “(...) vidente; Pifana contava” [cunhada já falecida de IF10] ou mesmo, será “só se a mãe não disser pra ninguém. A irmã de Toinha [Antonia, filha de IF11], eu falei pra parteira. Tudo que sai no pensamento, dela acontece”. Essa fala das informantes para justificar o mito da criança vidente vai mostrar que a prática supersticiosa, no íntimo de quem a mantém viva, “é sempre de caráter defensivo, respeitada para evitar mal maior ou distanciar sua efetivação” (CASCUDO, 2000, p. 648). Segundo Houaiss (2009), haríolo é uma acepção ligada ao ocultismo e se refere à “pessoa que supostamente tem o dom de adivinhar (o

deve anunciar a ninguém, caso alguém que esteja perto ouça, também não deve dizer nada a ninguém, quebra o encantamento.

que estaria por acontecer)”, exatamente o que afirmam as sete mulheres para a pessoa que nasce com o dom de adivinhar o por vir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não poder se aproximar dos cortiços na hora em que forem abertos para a colheita do mel; não poder comer alimentos que comumente não são múltiplos; não olhar coisas, pessoas, animais ou obras de arte com deformações; não usar ou carregar consigo alguns objetos; não ser contrariada em seus desejos e vontades; não sentar em abano; não passar por cima de cabresto; não contar que a criança chorou dentro do ventre... Não isto, não aquilo e não aquilo outro! São muitas as proibições populares que se aplicam às prenhas. Por que isso acontece? Por que essas restrições sobrevivem ao tempo como verdades absolutas que passam intocáveis e quase despercebidas no imaginário popular? Fernandes (1936, p. 75), por exemplo, afirma que isso acontece e acontecerá por causa do *faz-mal*, isto é, “criam-se gerações no “faz-mal” e essas proibições ainda persistem, mas não obstante os impulsos em contrariá-las, estando quase sempre em relação mágica e, muitas vezes, sobrepondo-se.”

Acrescenta ainda o folclorista que essas restrições/proibições têm variadas origens dos povos que foram tecendo nossa Terra, nosso saber cultural, sem, contudo, ignorarmos, as outras etnias outras com as quais tiveram contato antes de sermos quem somos, “num sincretismo que soma influências arcaicas vindas com o colonizador europeu... de nações negras e seus sistemas culturais com o homem de côr da África, e de ordens e preceitos primários do ameríndio” (FERNANDES, 1936, p. 83-84).

No que se refere à mulher grávida, a seu universo particular, a mitificação sempre existirá, é possível que isso se aplique também à sua alimentação, já que esta influenciará grandemente na saúde de seu *reberto* ainda no ventre? Com certeza, sim, pois há muitas proibições e restrições alimentares que a grávida se arrisca! Questionar para que, se com sua mãe deu certo e com sua avó também?!

REFERÊNCIAS

- BEIGUELMAN, Bernardo. *O estudo de gêmeos*. Ribeirão Preto: SBG, 2008.
- CALDERARI, Juliana. Por que as grávidas sentem desejos? *SUPER INTERESSANTE*, São Paulo, Complemento, 15/04/2011. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/por-que-as-gravidas-sentem-desejo-por-certos-alimentos>. Acesso em: 13/06/2017.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2000.
- CIRLOT, Jean-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984.
- IF1. *Inquérito sobre as Superstições ligadas ao parto e à vida infantil na cultura popular do Maranhão*. São Luís, 16/05/11 (Inquérito realizado por Heloísa Reis Curvelo Matos).
- IF2. *Inquérito sobre as Superstições ligadas ao parto e à vida infantil na cultura popular do Maranhão*. São Luís, 30/05/11 (Inquérito realizado por Heloísa Reis Curvelo Matos).
- IF3. *Inquérito sobre as Superstições ligadas ao parto e à vida infantil na cultura popular do Maranhão*. São Luís, 20/05/11 (Inquérito realizado por Heloísa Reis Curvelo Matos).
- IF4. *Inquérito sobre as Superstições ligadas ao parto e à vida infantil na cultura popular do Maranhão*. São Luís, 13/05/11 (Inquérito realizado por Heloísa Reis Curvelo Matos).
- IF5. *Inquérito sobre as Superstições ligadas ao parto e à vida infantil na cultura popular do Maranhão*. São Luís, 12/05/11 (Inquérito realizado por Heloísa Reis Curvelo Matos).
- IF6. *Inquérito sobre as Superstições ligadas ao parto e à vida infantil na cultura popular do Maranhão*. São Luís, 20/05/11 (Inquérito realizado por Heloísa Reis Curvelo Matos).
- IF7. *Inquérito sobre as Superstições ligadas ao parto e à vida infantil na cultura popular do Maranhão*. São Luís, 26/05/11 (Inquérito realizado por Heloísa Reis Curvelo Matos).
- IF8. *Inquérito sobre as Superstições ligadas ao parto e à vida infantil na cultura popular do Maranhão*. São Luís, 20/05/11 (Inquérito realizado por Heloísa Reis Curvelo Matos).
- IF9. *Inquérito sobre as Superstições ligadas ao parto e à vida infantil na cultura popular do Maranhão*. São Luís, 25/05/11 (Inquérito realizado por Heloísa Reis Curvelo Matos).
- IF10. *Inquérito sobre as Superstições ligadas ao parto e à vida infantil na cultura popular do Maranhão*. São Luís, 09/06/11 (Inquérito realizado por Heloísa Reis Curvelo Matos).
- IF11. *Inquérito sobre as Superstições ligadas ao parto e à vida infantil na cultura popular do Maranhão*. São Luís, 11/06/11 (Inquérito realizado por Heloísa Reis Curvelo Matos).
- IF12. *Inquérito sobre as Superstições ligadas ao parto e à vida infantil na cultura popular do Maranhão*. São Luís, 20/05/11 (Inquérito realizado por Heloísa Reis Curvelo Matos).
- FERNANDES, Gonçalves. *O folclore mágico do Nordeste*. Rio de Janeiro: Biblioteca de Divulgação Científica/Civilização Brasileira, 1936.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão monousuário 3.0. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss/Objetiva, 2009.

LIMA, Zelinda Machado de Castro e. *Pecados da gula: comeres e beberes das gentes do Maranhão*. São Luís, CBPC, 1998.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Caderneta da gestante. Brasília: edição eletrônica, 2014. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/caderneta_gestante.pdf. Acesso em: 10/06/2017.

PAIVA, Aline. Por que as grávidas sentem desejos por certos alimentos? *SUPER INTERESSANTE*, São Paulo, Ciência, 30/09/2000. Disponível em: <http://super.abril.com.br/ciencia/por-que-as-gravidas-sentem-desejo-por-certos-alimentos>. Acesso em: 13/06/2017.

VASCONCELLOS, José Leite de. Opúsculos, v. V, parte I: Etnologia. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa, 1938.

VIEIRA FILHO, Domingos. Folclore sempre. In *Revista de Geografia e História*, nº 05, 1953.

_____. Superstições ligadas ao parto e à vida infantil. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão*, nº 04, 1952.

Nota do editor:
Artigo submetido para avaliação em: 28/02/2019.
Aprovado em sistema duplo cego em: 07/06/2019.